

**Lavinia Sobral Barreto Nunes
Amanda Mota Vieira
Sérgio Alves do Nascimento
José Wilton Pinheiro Junior
Rita de Cássia Carvalho Maia**

ORIENTAÇÕES PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE ÚNICA NA PROFILAXIA DA RAIVA

3ª Edição

Recife
UFRPE
2026

ORIENTAÇÕES PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE ÚNICA NA PROFILAXIA DA RAIVA HUMANA

Lavínia Sobral Barreto Nunes

**Médica Veterinária, mestranda do Programa de Pós-Graduação
em Mestrado Profissional em Saúde Única (PMPSU) da
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)**

Amanda Mota Vieira

**Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Biociência
Animal da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)**

Sérgio Alves do Nascimento

**Técnico, Departamento de Medicina Veterinária Universidade
Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)**

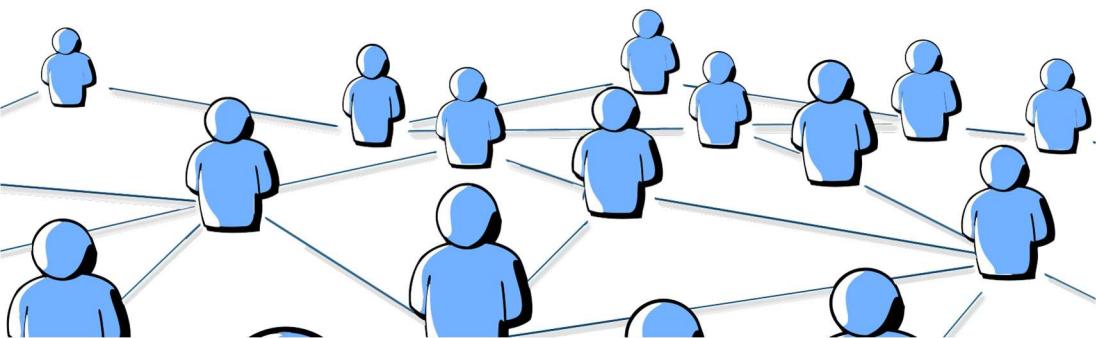
José Wilton Pinheiro Junior

**Docente da Disciplina de Víroses dos Animais Domésticos,
Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal
Rural de Pernambuco (UFRPE)**

Rita de Cássia Carvalho Maia

**Docente da Disciplina de Víroses dos Animais Domésticos,
Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal
Rural de Pernambuco (UFRPE)**

Direção de Arte: Ana Luiza Carvalho Maia e Amanda Mota Vieira



Endereço dos Autores

Lavínia Sobral Barreto Nunes, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Laboratório de Virologia Animal (LAVIAN), Avenida Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, Recife - PE, Brasil, 52171-900, Email: vinha300@gmail.com

Amanda Mota Vieira, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Laboratório de Virologia Animal (LAVIAN), Avenida Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, Recife - PE, Brasil, 52171-900, Email: amandamotavieira90@gmail.com

Sérgio Alves do Nascimento, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Laboratório de Virologia Animal (LAVIAN), Avenida Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, Recife - PE, Brasil, 52171-900, Email: sergio.correio@gmail.com

José Wilton Pinheiro Junior, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Laboratório de Virologia Animal (LAVIAN), Avenida Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, Recife - PE, Brasil, 52171-900, Email: wilton.pinheiro@ufrpe.br

Rita de Cássia Carvalho Maia, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Laboratório de Virologia Animal (LAVIAN), Avenida Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, Recife - PE, Brasil, 52171-900, Email: rita.carvalho@ufrpe.br



Apresentação

A presente cartilha foi elaborada com o objetivo de apoiar os profissionais de saúde na aplicação do Protocolo Nacional de Profilaxia da Raiva Humana. Nosso propósito é que o conhecimento das mudanças propostas no novo protocolo permitam uma rápida e precisa atuação diante de acidentes, contribuindo assim para a prevenção e controle da raiva, cujo enfrentamento é um desafio de grande magnitude e complexidade para a saúde humana, saúde animal e meio ambiente.

Sumário

Introdução	6
Conceito Geral da Doença	7
Agente Etiológico	8
Transmissores	11
Modos de Transmissão	13
Período de Incubação	14
Tratamento	15
Fluxograma da Profilaxia da Raiva	16
Vigilância Epidemiológica da Raiva	17
Notificação Obrigatória	18
Objetivos da Vigilância Epidemiológica	19
Situação Epidemiológica da Raiva Humana	20
Referências Bibliográficas	21
Informações Adicionais sobre a Raiva	22

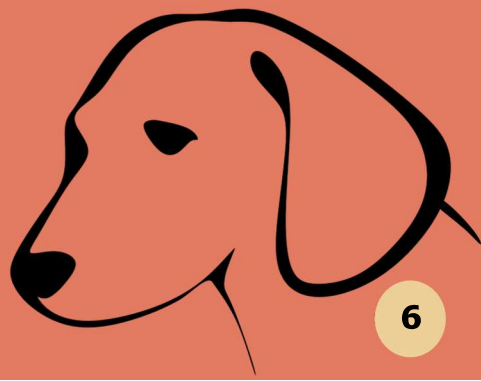


Introdução

É importante lembrar que cada animal tem sua forma de se comunicar e que quando não compreendemos essa linguagem estamos sujeitos a nos expor a lesões físicas e a diversos patógenos durante uma agressão. As agressões por animais mamíferos são de grande importância na transmissão da Raiva, e por isso o contato com animais deve ser restrito e seguro, o que perpassa pela guarda responsável de animais de companhia, manejo adequado de animais de produção e restrição do contato com animais silvestres.

Lembrando que as agressões de um animal infectado pelo vírus rábico geralmente são arbitrarias e não dependem de um contexto de auto-defesa ou de brincadeiras, e sim de agressões sem um motivo aparente, e que normalmente, observa-se alteração de comportamento desses animais.

Dentre outros riscos, mordidas e lambeduras de cães ou gatos podem transmitir o vírus da raiva, caso o animal esteja infectado. Para entendermos melhor os riscos de transmissão da Raiva e as medidas oficiais envolvidas no controle e profilaxia da doença, esta Cartilha traz informações que facilitam o entendimento e melhoram a notificação e o atendimento antirrábico nas unidades de saúde.



Conceito Geral da Doença

A raiva é uma doença causada por um vírus que provoca um quadro de encefalite letal alguns dias após o início dos sintomas. A vacinação de animais domésticos e a prevenção de mordeduras são as maneiras mais eficientes de profilaxia e possível erradicação da doença no Brasil.



RAIVA CID-10: A82 Antropozoonose transmitida ao ser humano pela inoculação do vírus presente na saliva e nas secreções do animal infectado, principalmente pela mordedura e/ ou lambedura.

Caracteriza-se como encefalite progressiva e aguda que apresenta letalidade de aproximadamente 100% (BRASIL, 2021).

A prevenção da raiva pode ser realizada principalmente pela vacinação dos animais, para o controle da circulação viral; também com a vacinação profilática de humanos em grupos de risco; e com o uso de vacina e soro em esquema de profilaxia adequada e em tempo oportuno em humanos (BRASIL, 2020).

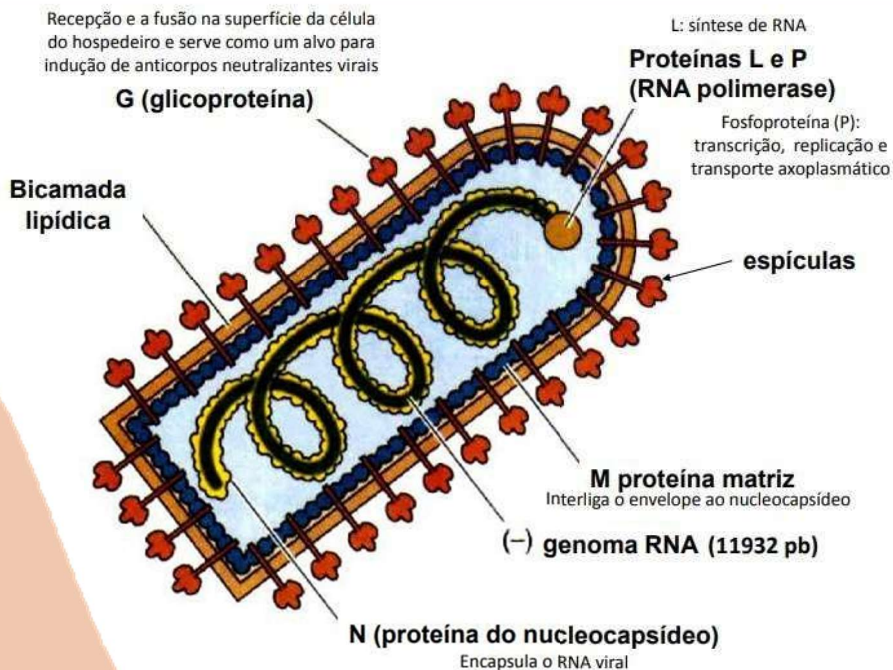
Agente Etiológico

O vírus da raiva (*Rabies lyssavirus*) pertence à ordem *Mononegavirales*, família *Rhabdoviridae* e gênero *Lyssavirus*. Possui forma de projétil e o seu genoma é constituído por RNA de fita simples com aproximadamente 11,9 a 12,3 kb de comprimento, não segmentado e de sentido negativo (BRASIL, 2021).

Figura 1 - Estruturas do vírus da raiva e respectivas funções.

Fonte: <http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-pasteur/pdf/wrd2015/patogeniada-raiva-atrajetoriadovirusrumoaosnc-elaineranierofernandes.pdf>

ESTRUTURA VIRAL





A classificação do gênero *Lyssavirus* é dividida em **18 (DEZOITO)** espécies reconhecidas. Dessas espécies, somente o *Rabies lyssavirus* (RABV) possui relatos de circulação mundial, conseqüentemente, também no território brasileiro; além de possuir como hospedeiro majoritariamente mamíferos. As outras espécies possuem prevalência principalmente no continente Europeu e Africano. Normalmente infectam espécies específicas presentes nesses territórios (WALKER et. al., 2024).

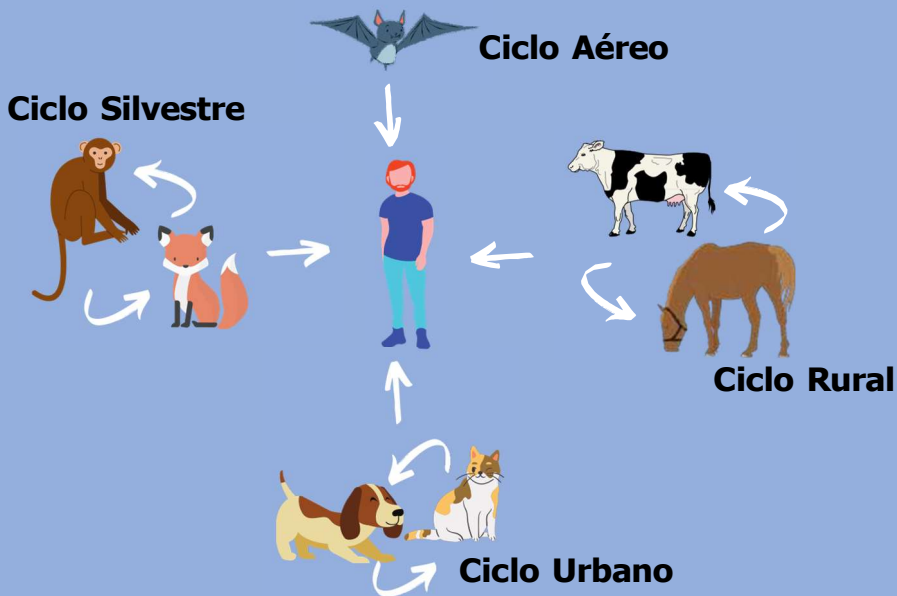
Em decorrência da profilaxia da raiva humana e ações de vigilância e controle da raiva canina em especial as campanhas caninas implantadas no Brasil, observa-se nas últimas décadas uma mudança no perfil epidemiológico da raiva, com destaque para as variantes virais da doença que é transmitida por animais específicos (Brasil, 2020):

- AgV1 e AgV2 - variantes isoladas de cães
- AgV3 - isolada de morcego hematófago
- AgV4 e AgV6 - isoladas de morcego insetívoro

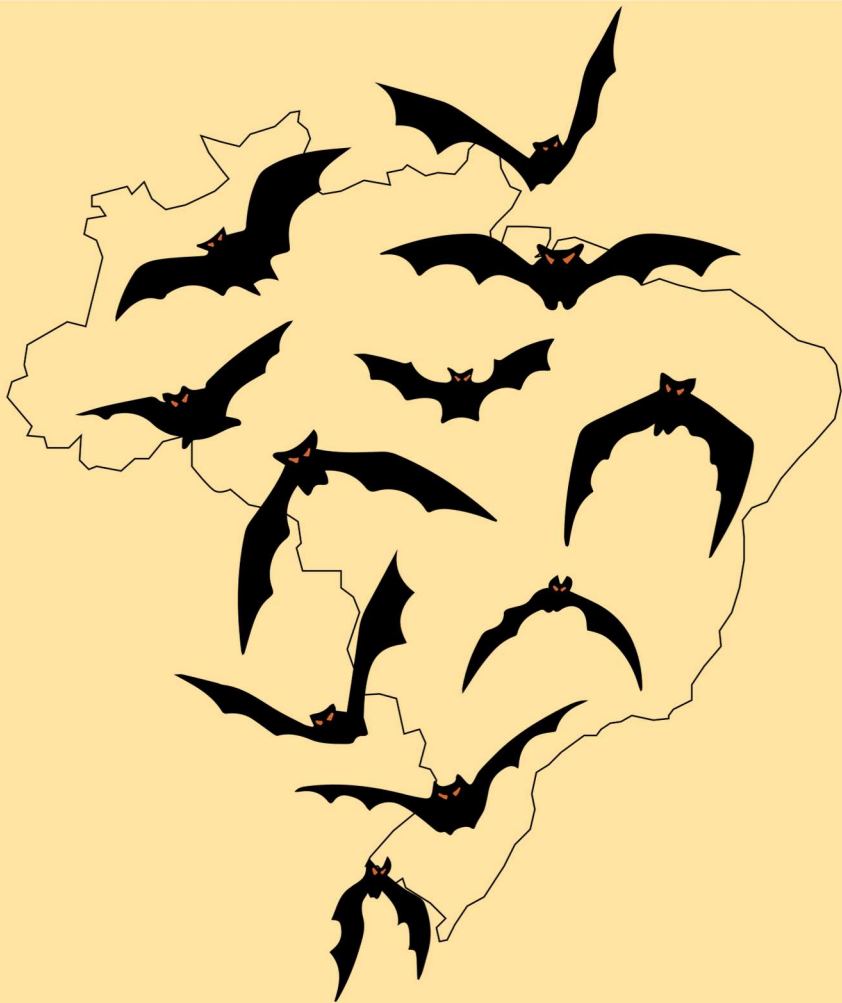


Transmissores

Os mamíferos transmitem e adoecem pelo vírus da raiva. No Brasil, cães, gatos e morcegos constituem as principais fontes de infecção nas áreas urbanas. Os morcegos são responsáveis pela manutenção do ciclo aéreo, e as raposas e cachorro do mato, gatos do mato, outros carnívoros silvestres (jaritatacas, mão pelada), marsupiais (gambás e saruês) e primatas (saguis), apresentam importância epidemiológica nos ciclos enzoóticos da raiva. Na zona rural, a doença afeta animais de produção, como bovinos e equinos, dentre outros, e têm o morcego como importante transmissor do vírus.



O ciclo epidemiológico da Raiva é classificado em quatro ciclos interrelacionados: ciclo urbano, ciclo rural, ciclo silvestre e o ciclo aéreo.



No ciclo urbano, as principais fontes de infecção são o cão e o gato. No Brasil, o morcego é o principal responsável pela manutenção da cadeia silvestre. Outros transmissores silvestres são: macaco, raposa, coioote, chacal, gato-domato, jaritataca, guaxinim e mangusto (BRASIL, 2005). O ciclo urbano é passível de eliminação, por se dispor de medidas eficientes de prevenção, tanto em relação ao homem quanto à fonte de infecção nos animais. Atualmente, o morcego é considerado o principal transmissor da Raiva no Brasil, uma vez que está presente em todos os ciclos da doença.

Modos de Transmissão

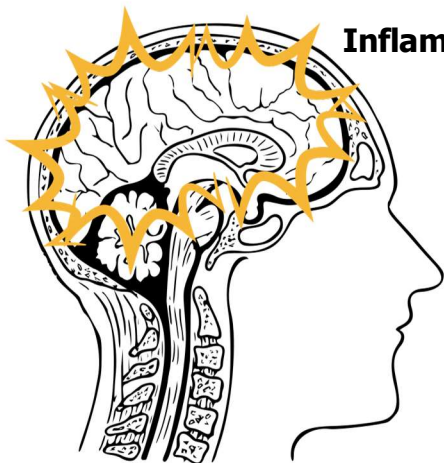
A transmissão da Raiva se dá quando o vírus da raiva presente na saliva do animal infectado penetra no organismo, através da pele ou mucosas, por mordedura, arranhadura ou lambedura, mesmo não existindo necessariamente agressão.

Transmissão Viral

Ferida infectada: mordida, arranhadura ou lambedura



Inflamação cerebral



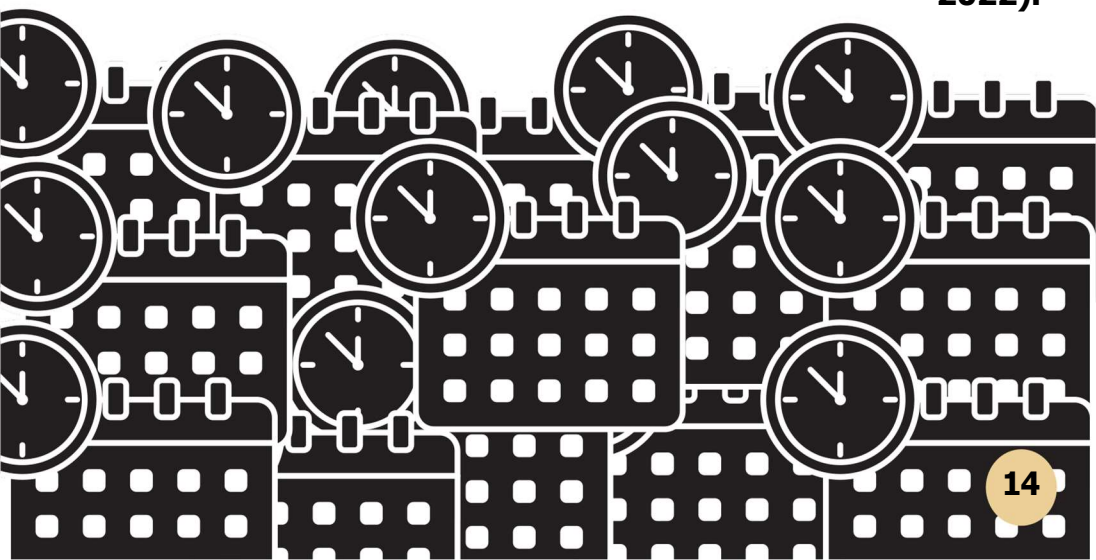
Período de Incubação

O período de incubação é variável entre as espécies, desde dias até anos, com uma média de 45 dias no ser humano, podendo ser mais curto em crianças. O período de incubação está relacionado à localização, extensão e profundidade da mordedura, arranhadura, lambedura ou tipo de contato com a saliva do animal infectado; da proximidade da porta de entrada com o cérebro e troncos nervosos; concentração de partículas virais inoculadas e cepa viral.

Nos cães e gatos, a eliminação de vírus pela saliva ocorre de 2 a 5 dias antes do aparecimento dos sinais clínicos e persiste durante toda a evolução da doença (período de transmissibilidade). A morte do animal acontece, em média, entre 5 e 7 dias após a apresentação dos sinais clínicos.

Não se sabe ao certo qual o período de transmissibilidade do vírus em animais silvestres.

Entretanto, sabe-se que os quirópteros (morcegos) podem albergar o vírus por longo período, sem sintomatologia aparente, mas eles também morrem da doença (BRASIL, 2022).



Tratamento

Não há tratamento eficaz contra a Raiva. Deve-se de imediato, quando ocorrer a agressão pelo animal, desinfetar a ferida e procurar imediatamente uma unidade de saúde de referência, para que os profissionais de saúde orientem na prevenção da doença com a indicação ou não da vacina e/ou soro antirrábico humano. Depois que os sintomas aparecem, a doença é fatal.

Lavar a ferida com água e sabão



Procurar imediatamente uma unidade de saúde para realizar o procedimento indicado.

TIPO DE EXPOSIÇÃO	ANIMAL AGRESSOR			
	CÃO OU GATO			MORCEGOS
	ANIMAL PASSÍVEL DE OBSERVAÇÃO POR 10 DIAS E SEM SINAIS SUGESTIVOS DE RAIVA	ANIMAL NÃO PASSÍVEL DE OBSERVAÇÃO POR 10 DIAS OU COM SINAIS SUGESTIVOS DE RAIVA	MAMÍFERO DOMÉSTICO DE INTERESSE ECONÔMICO (bovídeos, equídeos, caprinos, suínos e ovinos)	
<p>CONTATO INDIRETO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tocar ou dar de comer para animais. • Lambedura em pele íntegra. • Contato em pele íntegra com secreções ou excreções de animal, ainda que raivoso ou de caso humano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • NÃO INICIAR PROFILAXIA 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • NÃO INICIAR PROFILAXIA 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • NÃO INICIAR PROFILAXIA 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • NÃO INICIAR PROFILAXIA
<p>LEVE</p> <ul style="list-style-type: none"> • mordedura ou arranhadura superficial no tronco ou nos membros, exceto mãos e pés • lambedura de lesões superficiais 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • NÃO INICIAR PROFILAXIA • Manter o animal em observação por 10 dias. Se permanecer vivo e saudável, suspender a observação no 10º dia e encerrar o caso. Se morrer, desaparecer ou apresentar sinais de raiva, indicar VACINA* (dias 0, 3, 7 e 14) 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • INICIAR PROFILAXIA: VACINA* (dias 0, 3, 7 e 14) 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • INICIAR PROFILAXIA: VACINA* (dias 0, 3, 7 e 14) 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • NÃO INICIAR PROFILAXIA
<p>GRAVE</p> <ul style="list-style-type: none"> • mordedura ou arranhadura nas mucosas, no segmento cefálico, nas mãos ou nos pés • mordedura ou arranhadura múltiplas ou extensas, em qualquer região do corpo • mordedura ou arranhadura profunda, mesmo que puntiforme • lambedura de lesões profundas ou de mucosas, mesmo que intactas • mordedura ou arranhadura causado por mamífero silvestre 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • NÃO INICIAR PROFILAXIA • Manter o animal em observação por 10 dias. Se permanecer vivo e saudável, suspender a observação no 10º dia e encerrar o caso. Se morrer, desaparecer ou apresentar sinais de raiva indicar VACINA* (dias 0, 3, 7 e 14) e SORO (SAR ou IGHAR). 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • INICIAR PROFILAXIA: VACINA* (dias 0, 3, 7 e 14) e SORO (SAR ou IGHAR). 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • INICIAR PROFILAXIA: VACINA* (dias 0, 3, 7 e 14) e SORO (SAR ou IGHAR). 	<ul style="list-style-type: none"> • Lavar com água e sabão. • INICIAR PROFILAXIA: VACINA* (dias 0, 3, 7 e 14) e SORO (SAR ou IGHAR).
<p>*VACINA</p> <p>Quatro doses, nos dias 0, 3, 7 e 14</p>	<p>A vacina deverá ser administrada por via intradérmica ou via intramuscular.</p> <p>Via intradérmica: volume da dose 0,2 ml. O volume da dose deve ser dividido em duas aplicações de 0,1 ml cada e administradas em dois sítios distintos, independente da apresentação da vacina, seja 0,5 ml ou 1,0 ml (dependendo do laboratório produtor). Local de aplicação: inserção do músculo deltoide ou no antebraço.</p> <p>Via intramuscular: dose total 0,5 ml ou 1,0 ml (dependendo do laboratório produtor). Administrar todo o volume do frasco. Local de aplicação: no músculo deltoide ou vasto lateral da coxa em crianças menores de 2 (dois) anos. Não aplicar no glúteo.</p>			
<p>SORO (SAR ou IGHAR)</p>	<p>O SAR, ou a IGHAR, deve ser administrado no dia 0. Caso não esteja disponível, aplicar o mais rápido possível até o 7º dia após a aplicação da 1ª dose de vacina. Após esse prazo é contraindicado. Existindo clara identificação da localização da(s) lesão(ões), recentes ou cicatrizadas, deve-se infiltrar o volume total indicado, ou o máximo possível, dentro ou ao redor da(s) lesão(ões). Se não for possível, aplicar o restante por via IM, respeitando o volume máximo de cada grupo muscular mais próximo da lesão.</p> <p>Soro antirrábico (SAR): 40 UI/kg de peso.</p> <p>Imunoglobulina humana antirrábica (IGHAR): IGHAR 20 UI/kg de peso.</p>			

Vigilância Epidemiológica da Raiva

Em seres humanos, frente a uma possível exposição ao vírus da raiva, não se recomenda a sutura dos ferimentos e, quando for absolutamente necessário, aproximar as bordas com pontos isolados e, o soro antirrábico, se indicado, deverá ser infiltrado uma hora antes da sutura. Em casos de contato indireto, ou seja, quando ocorre por meio de objetos ou utensílios contaminados com secreções de animais suspeitos, e lambedura na pele íntegra por animal suspeito, indica-se apenas lavar bem o local com água corrente e sabão.

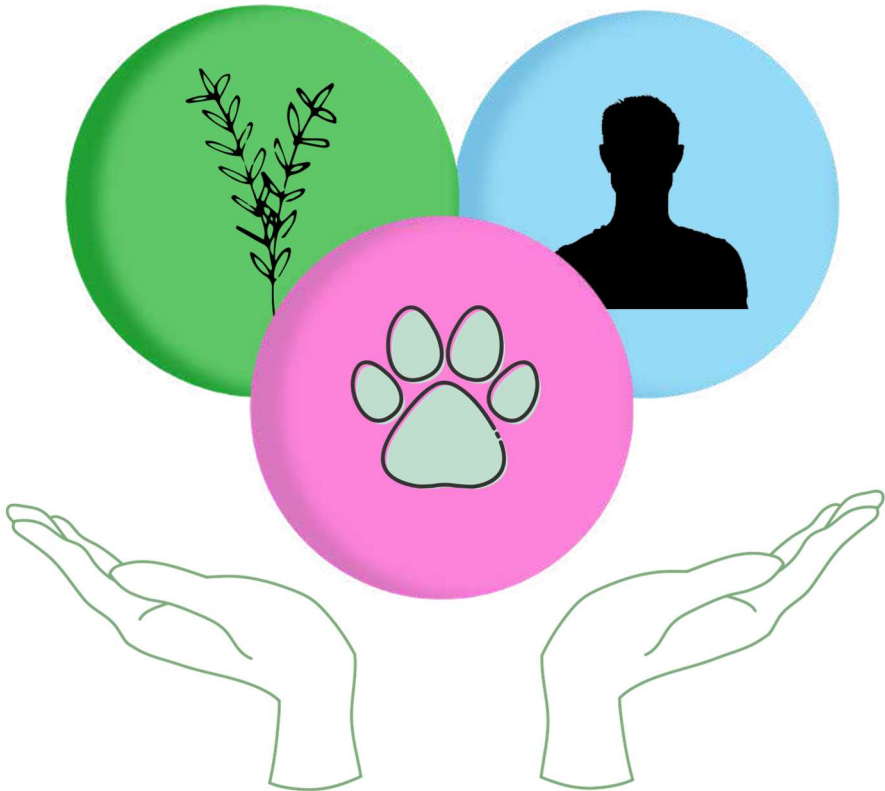
Tanto os casos de profilaxia antirrábica humana quanto os casos suspeitos ou confirmados de raiva humana, precisam ser adequadamente investigados e notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Também os casos de eventos adversos pós-vacinal precisam ser adequadamente investigados e informados.



Objetivos da Vigilância Epidemiológica

Há muitas interfaces entre a raiva humana e a animal. Na vigilância da raiva, os dados epidemiológicos são essenciais tanto para os profissionais de saúde, para que seja tomada a decisão de profilaxia de pós-exposição em tempo oportuno, como para os médicos veterinários, que devem adotar medidas de bloqueio de foco e controle animal.

Assim, como a Raiva é uma doença que vincula o ser humano, o animal e o ambiente, dentro de um contexto de Saúde Única, a integração entre assistência médica e a vigilância epidemiológica e ambiental são imprescindíveis para o controle dessa zoonose (MS,2022).



Situação epidemiológica da raiva humana

Casos de raiva humana por espécie animal agressora no período de 2010 a 2025*

Espécie animal	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025*	Total
Cão	1	2	2	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	10
Gato	0	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	4
Bovino	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Jumento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Caprino	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Suíno	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Herbívoro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Morcego	1	0	1	0	0	0	1	5	11	0	1	0	2	0	0	0	22
Raposa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	2
Macaco	1	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	8
Gambá	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Gato selvagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Guaxinim	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Caititu	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ignorado	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	4
Total	3	2	5	5	0	2	2	6	11	1	2	1	5	2	2	2	51

Fonte: SVS/MS. *Dados sujeitos a alterações. Atualizado em 13/01/2025

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. 6. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 816 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Guia_Vig_Epid_novo2.pdf. Acesso em: 30 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Articulação Estratégica de Vigilância em Saúde. Guia de Vigilância em Saúde [recurso eletrônico]. 5. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-svs/vigilancia/guia-de-vigilancia-em-saude_5ed_21nov21_isbn5.pdf/view. Acesso em: 29/03/2022.

BRASIL. Ministério da Saúde, 20221. RAIVA CID-10: A82. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-svs/vigilancia/guia-de-vigilancia-em-saude-5ed_21nov21_isbn5.pdf/view. Acesso em: 29/03/2022

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 204, de 17 de fevereiro de 2016. Define a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, nos termos do anexo e dá outras providências Diário Oficial da União: Brasília, DF, 18 fev. 2016. Seção 1, p.23-24.

BRASIL. Ministério da Saúde. Nota Técnica nº 8/2022 - CGZV/DEIDT/SVS/MS: Atualizações no Protocolo de Profilaxia pré, pós e reexposição da raiva humana no BRASIL. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Atualizada em 2024. Disponível em:

https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/raiva-1/imagens/nota-tecnica-n-8_2022-cgzv_deidt_svs_ms.pdf/view. Acesso em: 09 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Raiva. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/raiva-1/raiva>. Acesso em: 05 abr. 2022.

COERTSE, J. *et al.* Lagos Bat Virus, an Under-Reported Rabies-Related Lyssavirus. *Viruses*, [*S. l.*], v. 13, n. 576, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/v13040576>.

WALKER, P. J. *et al.* ICTV Virus Taxonomy Profile: Rhabdoviridae, *Journal of General Virology*. 2024, 103, 001689. Disponível em: <https://ictv.global/report/chapter/rhabdoviridae/rhabdoviridae/lyssavirus>. Acesso em: 09/01/2026.

Informações Adicionais sobre a Raiva

Vigilância da Raiva

- **Guia de Vigilância em Saúde (2019) – Volume 3 – 1ª edição atualizada (SVS/MS), link: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/junho/25/guia-vigilancia-saude-volume-unico-3ed.pdf>**
- **Guia de bolso 8ª Edição (2010). Link: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2014/janeiro/23/doen-infecciosas-guia-bolso-8ed.pdf>**
- **Manual de vigilância, prevenção e controle de zoonoses: normas técnicas e operacionais. Link: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/julho/08/manual-zoonoses-normas-2v-7julho16-site.pdf>**

Diagnóstico laboratorial ● Manual de Diagnóstico Laboratorial da Raiva. Link: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_diagnostico_laboratorial_raiva.pdf

● Protocolo de SNC de humanos para diagnóstico de raiva. Link: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2016/maio/25/Protocolo-de-coleta-de-SNC-de-humanos-para-diagnostico-de-raiva.pdf>

Tratamento da Raiva Humana

- **Protocolo de Tratamento da Raiva Humana no Brasil. Link: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_tratamento_raiva_humana.pdf**

Informações Adicionais sobre a Raiva

Profilaxia antirrábica humana

- Normas Técnicas da Profilaxia da Raiva Humana. Link: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2015/outubro/19/Normas-tecnicas-profilaxia-raiva.pdf>
- A NOTA TÉCNICA Nº 8/2022-CGZV/DEIDT/SVS/MS, de 10 de março de 2022, traz orientações referentes ao esquema de vacinação antirrábica humana. Link: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/raiva-1/imagens/nota-tecnica-n-8_2022-cgzv_deidt_svs_ms.pdf/view
- Nota Informativa nº 221-SEI/2018-CGPNI/DEVIT/SVS/MS, de 30 de outubro de 2018 - Informa sobre a situação atual da provisão mundial de vacina raiva (inativada) e dá outras orientações. Link: http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/agosto/04/Nota-Informativa-N-26_SEI_2017_CGPNI_DEVIT_SVS_MS.pdf
- Esquema de profilaxia da raiva humana – Cartaz
- Esclarecimentos sobre uso do soro e/ou imunoglobina <https://antigo.saude.gov.br/omnistoria/antirrabico-humano>. Link: <http://www.saude.gov.br/images/pdf/2017/maio/16/Ministerio/961-saude-de-a-a-z/raiva/16115-esclarecimentos-sobre-o-uso-do-soro-e-ou-imunoglobulina-antirrabico-humano.pdf>
- Manual de Vigilância de Eventos Adversos Pós-Vacinação (L210/14). http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_vigilancia_epidemiologica_eventos_adversos_pos_vacinacao.pdf

Vigilância da Raiva Animal

- Controle da Raiva dos Herbívoros - MAPA. Link: http://www.agricultura.gov.br/assuntos/saude-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/raiva-dos-herbivoros-e-eeb/MANUAL_RAIVAHORBIVOROS2009.pdf

Informações Adicionais sobre a Raiva

Educação em Saúde

- Gibi da Saúde - Guarda Responsável de animais. Link: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/periodicos/gibi_da_saude_ano1_n1.pdf

Outras Publicações

- WHO Expert Consultation on Rabies: Third Report (Inglês). Link: <https://antigo.saude.gov.br/Raiva%20Compartilhada/51%20REVIS%C3%83O%20-%20SAUDE%20DE%20A%20A%20Z%20-%20RAIVA/Raiva%20-%20Sa%C3%BAde%20de%20A%20a%20Z%20-%20Final/Revis%C3%A3o%20%20A%20a%20%20Z%20%2025%2004%202018/%E2%80%A2http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/272364/9789241210218-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Links de interesse

- Instituto Pasteur/SES São Paulo – Laboratório de Referência Macrorregional: <http://www.saude.sp.gov.br/instituto-pasteur/>
- Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) - Programa Nacional de Controle da Raiva dos Herbívoros (PNCRH): <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/saude-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/prog-nacional-de-controle-da-raiva-dos-herbivoros-e-outras-encefalopatas>
- Rabia – Panaftosa: http://www.paho.org/panaftosa/index.php?option=com_content&view=article&id=509:rabia&Itemid=0
- Rabia - OMS: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs099/es/>
- <https://rabiesalliance.org/>

NOME _____

DATA _____

CAÇA-PALAVRAS

Nível 2

C	I	W	I	B	N	P	E	V	U	T	M	O	R	D	I	D	A
M	A	S	Z	C	Y	S	V	I	G	I	L	Â	N	C	I	A	Z
W	G	E	I	M	V	H	E	R	B	Í	V	O	R	O	S	Y	I
Y	R	Y	O	L	P	V	O	M	O	R	C	E	G	O	I	P	S
Z	E	W	O	L	J	S	S	U	S	P	E	I	T	A	D	A	I
N	S	N	K	Y	O	T	N	D	A	N	Z	G	Z	P	R	R	L
G	S	O	P	M	J	C	L	J	G	W	U	W	J	R	T	A	V
Q	I	T	R	N	H	I	E	C	U	B	J	H	R	E	R	L	E
G	V	I	D	L	U	W	U	Ã	I	I	P	Z	B	V	A	I	S
I	I	F	S	Y	C	V	K	O	I	N	N	G	J	E	N	S	T
N	D	I	A	S	V	A	C	I	N	A	Ç	Ã	O	N	S	I	R
C	A	C	L	S	E	X	P	O	S	I	Ç	Ã	O	Ç	M	A	E
U	D	A	I	A	R	A	P	O	S	A	M	X	V	Ã	I	B	S
B	E	Ç	V	V	Q	L	N	E	F	L	C	D	X	O	S	D	E
A	K	Ã	A	I	U	E	C	D	E	S	O	L	I	B	S	W	K
Ç	F	O	Q	R	T	U	O	F	E	A	N	R	N	R	Ã	Q	U
Ã	K	K	A	U	V	F	N	X	S	L	B	G	J	D	O	M	T
O	V	P	E	S	X	C	M	Y	D	Y	N	V	A	M	Z	Y	Y



DICAS

Vírus da Raiva pertence ao gênero: _____.

Principal forma de transmissão do agente etiológico entre animais e humanos: _____.

Secreção corporal onde o vírus está presente e que entra no organismo por feridas: _____.

Principal hospedeiro e transmissor do *Lyssavirus* no ciclo urbano quando não vacinado: _____.

Forma mais eficaz de prevenir a doença: _____.

Animal silvestre que pode participar do ciclo da raiva em algumas regiões: _____.

Pequeno primata silvestre que pode transmitir *Lyssavirus* por mordedura ou arranhão: _____.

Importante reservatório natural de diferentes tipos de *Lyssavirus* no Brasil: _____.

Grupo de Animais que não devem ser tocados, alimentados ou criados como animais de estimação: _____.

Principal grupo de animais acometidos pelo vírus da raiva no ciclo silvestre: _____.

Mudança de comportamento, comum em animais infectados: _____.

Fraqueza ou incapacidade de movimento em fases avançadas da doença: _____.

Acompanhamento de casos suspeitos em animais e humanos: _____.

Comunicação obrigatória de suspeita da doença aos serviços de saúde: _____.

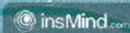
Ações realizadas antes da exposição, como campanhas de vacinação e educação sanitária: _____.

Passagem do *Lyssavirus* de um animal ou pessoa infectada, para indivíduos sadios: _____.

Tempo entre a mordida de um animal portador do vírus e o aparecimento dos primeiros sinais da doença no animal susceptível mordido: _____.

Situação em que um animal ou pessoa apresenta sinais ou histórico que indicam possível infecção por *Lyssavirus*: _____.

Contato de risco com o vírus, como mordidas, arranhões ou lambedura em pele ferida ou mucosas: _____.



Edital n° 22/2025-FACEPE

Helen Khoury
apoio à difusão e à
popularização da ciência

